

## Erotismo infantil nos programas de TV

Marcio Ruiz Shiavo

O presente trabalho sumariza os resultados da *Pesquisa sobre Sexualidade e Relações de Gênero nos Programas Infantis de TV*, realizada pela *Comunicarte*, no período de 25 de maio a 24 de junho de 1997, tendo como base a hipótese de que “os estímulos eróticos e referências de gênero são recorrentes nos programas infantis das principais redes de TV”. Especificamente, pretendia-se: a) *Quantificar* os conteúdos eróticos e de gênero presentes nos programas infantis das redes de TV; b) *Analisar* esses conteúdos em termos de valores, crenças, atitudes e comportamentos difundidos; c) *Identificar os reeditores*<sup>1</sup> desses conteúdos e o papel que desempenham na possível erotização das crianças e pré-adolescentes. Na realização da pesquisa, adotaram-se os seguintes principais procedimentos metodológicos: 1) *Monitoria dos Programas Infantis*; 2) *Análises Quantitativa e Qualitativa dos Dados*; 3) *Entrevistas com Questionários*; 4) *Focus-Group*. Foram monitoradas 152 horas de programação infantil, distribuídas pelas seis principais redes de televisão do País: Bandeirantes, Educativa (**TVE**), Globo, Manchete, Record e **SBT**. Em conjunto, de segunda a sexta-feira, essas emissoras disponibilizam um total de 26 horas de programação por dia, em horários facilmente acessíveis às crianças e pré-adolescentes; aos sábados, são 16 horas; aos domingos, observa-se a menor carga horária de programação infantil: apenas cinco horas, sendo que as Redes Globo e Manchete não apresentam qualquer programação infantil nesse dia.

### Os Principais Resultados

Uma possível exposição das crianças e pré-adolescentes a estímulos eróticos sistemáticos poderia configurar, a médio e longo prazos, “*um processo de erotização precoce*” desses grupos. Este fenômeno, segundo Simonetti<sup>2</sup>, poderia

resultar em conseqüências adversas ao desenvolvimento integral dos meninos e meninas - pois a sexualidade na TV, com freqüência, aparece reduzida aos aspectos físicos, em detrimento dos componentes afetivos, psicológicos e de convivência. Estaria plenamente justificada, portanto, a grande preocupação com que muitos pais e educadores vêem essa questão. Neste sentido, constatou-se que:

- a) É marcante a presença de estímulos eróticos e referências de gênero nos programas infantis. Em 152 horas de programação monitorada, registraram-se nada menos que **308** incidências: 03, na TVE; 22, na Bandeirantes; 28, na Record; 62, na Manchete; 90, no SBT; 103, na Globo;
- b) Em média, a cada 29 minutos, as crianças e pré-adolescentes recebem um estímulo erótico e/ou referência de gênero. Na Rede Manchete, esse tempo é de 23 minutos; na Globo, ainda menor: 15 minutos;
- c) Em geral, a referência erótica é machista e preconceituosa; os estereótipos sexuais ou de gênero são usados para “fazer rir”;
- d) Há programas com conteúdos educativos. Seus desenhos-animados, porém, abusam dos estereótipos sexuais e/ou de gênero;
- e) As produções nacionais são mais criteriosas na abordagem das questões de sexualidade e gênero que as estrangeiras (americanas, mexicanas e japonesas, em sua maioria). O mesmo se aplica aos programas nacionais mais recentes em relação às produções de cinco ou dez anos atrás;
- f) As crianças e pré-adolescentes percebem e compreendem (embora, nos limites do seu nível de informação sobre sexualidade e gênero) os estímulos eróticos e referências de gênero que ocorrem nos programas;
- g) O gênero é um diferencial importante na percepção e reação aos estímulos eróticos e relações homem-mulher. Com efeito, além de se mostrarem mais “ligados” nessas questões, os meninos - bem mais que as meninas - tendem a introjetar e reproduzir os mitos, os estereótipos e preconceitos sexuais ou de gênero difundidos nos programas infantis de TV;
- h) Muito embora os programas infantis de TV não se constituam no único fator de disseminação de estereótipos e preconceitos sexuais ou de gênero, eles cumprem um papel muito importante na transmissão de crenças, mitos e tabus às novas gerações, uma vez que constituem um referencial poderoso, nessa faixa de idade (entre os oito e os onze anos).

#### **Hábitos de Assistência & Condições de Recepção**

Na pesquisa, levantaram-se informações sobre o hábito de assistir à TV e as condições ou situação da audiência. Dos 150 meninos e meninas entrevistados, 61 reportaram a Rede Globo como a emissora mais assistida/preferida, seguida pelo SBT (com 51 indicações). Juntas, essas duas emissoras somam cerca de 75% da audiência. Em terceiro lugar, está a TVE (indicada por 18 entrevistados). Seguiram-se, pela ordem, Manchete (14 indicações), Record e Bandeirantes (ambas com 03 indicações). A área de residência revela-se um diferencial importante quanto à emissora mais assistida. A Rede Globo é mais citada como preferida na Zona Oeste que nas Zonas Sul e Norte. Já a TVE é menos citada na

Zona Oeste do que nas Zonas Sul e Norte (onde seu índice de preferência duplica-se e triplica-se, respectivamente). Em relação aos horários preferidos para assistir à TV, 31% dos entrevistados indicaram o período da tarde e 27%, o período noturno; 14% disseram que assistem à TV tanto à tarde quanto à noite; 7% reportaram os períodos da manhã e noite; e outros 7%, os períodos da manhã, tarde e noite. Finalmente, 14% dos entrevistados reportaram unicamente o período da manhã como aquele em que mais freqüentemente assistem à TV. Observa-se, portanto, que a proporção de meninos e meninas que assistem à TV na parte da tarde é mais que o dobro da dos que o fazem pela manhã. Isto se explica pelo fato de as aulas para as primeiras séries do 1º. grau, na maioria das escolas públicas e privadas, serem ministradas pela manhã. Mas indica, também, um certo descompasso da programação infantil (concentrada, como se viu, no período matutino) em relação à disponibilidade de tempo das crianças e pré-adolescentes. Nas entrevistas, os meninos e meninas foram indagados sobre o número médio de horas diárias em que assistiam à TV. Nada menos que 47,3% deles reportaram quatro ou mais horas diárias; 18,6%, três horas; 16%, duas horas; e 18% disseram assistir à TV por apenas uma hora diária, em média. Também neste caso, a área de residência exerce influência significativa. Na Zona Oeste, o número dos que disseram assistir mais de quatro horas diárias de TV supera em mais de 50% o total daqueles que fazem o mesmo nas Zonas Norte e Sul. É provável que esse fato se relacione à disponibilidade de outras opções de lazer. Outro fator que influencia o tempo de exposição à TV é a idade. Nas faixas de oito e nove anos, o número dos que dizem assistir mais de quatro horas de TV por dia é bem superior ao da faixa de 10-11 anos. Para uma significativa parcela dos entrevistados (36%) o hábito de assistir à TV é exercitado, geralmente, de forma solitária. Em contrapartida, 32% disseram que, com alguma freqüência, assistem à TV na companhia de irmãos - em geral, apenas um ou dois anos mais velhos ou mais novos; 22,6% assistem na companhia dos pais; e 9,3% disseram que assistiam à TV na companhia de outros parentes (avô ou avó, na maioria dos casos), colegas e/ou vizinhos de condomínio. Verifica-se, pois, que quase 80% das crianças e pré-adolescentes telespectadores assíduos não têm a companhia

da mãe ou do pai quando assistem à TV. Sem dúvida, este fato justifica o título de *babá eletrônica*, que alguns educadores dão à TV. Uma grande parcela dos pais, além disso, também não exerce qualquer controle em relação àquilo que seus filhos estariam assistindo na TV. Nada menos que 60,6% de todos os entrevistados disseram que os pais não fazem quaisquer restrições quanto aos programas ou aos horários em que assistem à TV. “*Eu vejo tudo o que quero na TV*” - com poucas variações, essa foi a explicação mais comum. Os outros 59 meninos e meninas, cujos pais se mostram mais criteriosos, disseram ter de submeter-se a algumas restrições. Neste caso, porém, dois aspectos demonstram a fragilidade desse controle. Em primeiro lugar, as restrições impostas se referem a horários (geralmente, após as 22:00hs crianças e pré-adolescentes estariam impedidos de assistir televisão) ou a determinadas épocas do ano (semana de provas, por exemplo) e, nunca, a algum programa. O mais grave, contudo, é que - com frequência - as restrições partem dos pais e não são rigidamente fiscalizadas pela mãe ou por quem cuida das crianças. Esses dados revelam, sem dúvida, a virtual omissão dos pais em relação ao seu dever de orientar os filhos quanto à escolha dos programas e dos horários que lhes sejam mais apropriados. Neste caso, o fator idade tem pouca influência, embora haja algumas indicações de que o cuidado materno e/ou paterno tende a ser maior à medida em que a idade avança. A área de residência, contudo, exerce uma influência decisiva: nas Zonas Sul e Norte, a proporção de pais que não impõem aos filhos quaisquer restrições quanto à TV supera a dos que impõem em cerca de 20%. Na Zona Oeste, porém, os pais não-restritivos superam em duas vezes e meia o número dos que impõem restrições quanto a programas e/ou horários.

#### **Programas Infantis: A Sexualidade Presente**

Do total de 13 tópicos selecionados para a pesquisa, os mais predominantes nos programas monitorados foram *estereótipos sexuais* e/ou de gênero (com 49 ocorrências), *estímulos eróticos visuais* (com 46), *culto ao corpo* (com 45),

*relações de gênero* (36), *atitudes sensuais* (33) e *carícias eróticas* (15 ocorrências). No geral, a Rede Globo foi responsável por cerca de um-terço de todas as ocorrências de estímulos erótico-sensuais e referências de gênero, e essa relação se mantém quando se monitoram esses tópicos, separadamente. Assim, de todas as ocorrências de estereótipos sexuais ou de gênero, 11 apareceram “*na tela da Globo*”, o mesmo acontecendo com 12 estímulos eróticos visuais; 22 cenas de culto ao corpo e 06 cenas de carícias eróticas; 11 atitudes ou posturas sensuais; e 09 referências de gênero. Nesses seis tópicos, o segundo lugar em número de ocorrências coube ao SBT, embora sua programação infantil ocupe mais que o dobro do tempo verificado na Rede Globo (são 52 horas e 30 minutos por semana contra 26 horas). De qualquer modo, no SBT, as crianças foram expostas a 17 estereótipos sexuais ou de gênero; 12 estímulos eróticos visuais; 05 cenas de culto ao corpo; 01 referência a gênero; 12 atitudes sensuais; e 06 cenas de carícias eróticas. A Manchete aparece um pouco distante dessas duas emissoras. Porém, seus telespectadores mirins foram expostos a 17 estereótipos sexuais e de gênero; 07 estímulos eróticos visuais; 09 cenas ou situações de culto ao corpo; 22 referências (machistas) de gênero; 05 atitudes corporais sensuais; e a uma única - porém, extremamente erótica - cena de carícia sexual. Nas demais emissoras pesquisadas, a incidência de estímulos erótico-sensuais e referências de gênero foi bastante inferior. Este fato se deve, em parte, a um igualmente menor número de horas dedicadas aos programas infantis - o que não se aplica, unicamente, à TVE. Porém, alguns aspectos merecem destaque. No total, houve 08 cenas que insinuavam (07) ou simulavam (01) relações sexuais - das quais, 06 ocorreram na Bandeirantes, sendo 05 relações insinuadas e 01 simulada. Nessa mesma emissora, também ocorreram 03 estímulos eróticos visuais, 02 posturas corporais sensuais e 04 estereótipos sexuais. Na Rede Record, por sua vez, foram consignados 12 estímulos eróticos visuais, 04 posturas corporais sensuais, 06 situações ou cenas de culto ao corpo e 02 cenas de carícias eróticas, a despeito da orientação evangélica com que estaria sendo conduzida a programação da emissora. Finalmente, na TVE, houve 02 cenas de culto ao corpo e uma única referência (estereotipada) de gênero.

### Características da Recepção

Nos grupos focais, levantaram-se diversas informações relacionadas à recepção e percepção dos estímulos eróticos e das referências de gênero, comumente, presentes na grande maioria dos programas dirigidos às crianças e pré-adolescentes. A principal conclusão é de que as crianças e pré-adolescentes percebem e compreendem os estímulos eróticos e/ou de gênero que ocorrem nos programas infantis, pois as cenas eróticas são as que apresentam os mais altos níveis de lembrança (*recall*). Além disso, o fato da maioria dos programas infantis serem apresentados por mulheres reforça o mito de que educar e entreter são tarefas “femininas”. Não cabe, aqui, reproduzir os diálogos travados nos grupos. Alguns aspectos, porém, merecem destaque. A cena em que um senhor idoso apalpa os seios de uma adolescente provocou risos, tanto por parte dos meninos quanto das meninas. Os meninos gostaram da cena (“*deixou a gente ligado*”) e disseram não ver nada de mal nela, pois a menina “*é muito folgada e bate nos homens*”. As meninas, apesar de também acharem a cena engraçada, não gostaram (“*o velho foi agressivo*”; “*o fato da menina ser folgada não dá ao velho o direito de mexer no seio dela*”). A cena de um beijo na boca afetuoso e com uma pequena carga de erotismo foi considerada “*bastante romântica*” e “*bonita de se ver*” pelas meninas; para os meninos, ao contrário, a cena foi simplesmente “*chata*”. No decorrer das discussões, no entanto, foi possível observar que os meninos acharam a cena chata porque “*não era eu que estava lá, dando aquele beijão*”. E mais: eles não estavam lá, simplesmente, porque a cena “*era romântica*”. Se houvesse uma maior carga de erotismo e sensualidade, certamente, os meninos “*também estariam lá*”. Deste modo, de acordo com o estereótipo de que as meninas seriam mais sensíveis e românticas do que os meninos, para elas, a identificação com a personagem da cena foi mais fácil. Reações bastante similares ocorreram em relação à cena que mostrava uma bonita adolescente com a blusa decotada abaixando-se para pegar a bolsa no

chão. A visão de parte dos seios da garota agradou muito aos meninos, enquanto as meninas mostraram-se indiferentes. Observa-se, da parte dos meninos, uma visão parcializada da sexualidade. Em geral, eles confundem sexualidade com mera genitalidade. E, de certa maneira, isso também vem sendo estimulado pela maioria dos programas infantis - nos quais a afetividade, o romantismo e a sensibilidade são apresentados como atributos “*essencialmente femininos*”. Na cena em que uma adolescente está tomando banho de banheira, por exemplo, foi grande o interesse dos meninos em tentar ver os seus órgãos genitais - que, no entanto, não foram mostrados pelo programa, causando diversas manifestações de contrariedade e decepção. Inclusive, logo no início da cena, um dos meninos cutucou o colega mais próximo e disse: “*Olha lá o que você gosta!*”. As meninas, ao contrário, não manifestaram qualquer reação especial. Em várias outras cenas, também pôde-se perceber que o seu interesse se distribui mais homoganeamente pelo corpo masculino, sendo mais concentrado no conjunto físico do que nos órgãos sexuais. Numa outra cena, três adolescentes bonitas aparecem dançando eroticamente. Os meninos adoraram e não fizeram a menor questão de esconder sua excitação; as meninas, ao contrário, demonstraram certo desconforto (olhando para o lado ou fazendo muxoxos), embora também cantarolassem a música. Ao término da cena, espontaneamente, os meninos deram notas para a música (10) e para as dançarinas (1.000, 10.000, 100.000). Insitados a explicar o motivo de notas tão altas para as dançarinas, disseram que “elas merecem”, porque eram “*muito gatas*”, “*muito gostosas*”, “*um verdadeiro tesão*”. Convidadas a também dar notas à cena, a maioria das meninas repetiu a nota 10, ressaltando que a nota era unicamente “*para a música*”, ignorando as dançarinas. Observou-se que as meninas não gostaram muito das cenas em que mulheres eram “*elogiadas e admiradas*” pelos meninos. É possível, pois, que algumas delas se sintam estimuladas a ser mais ousadas no futuro, a fim de obter a preferência dos meninos.

## Considerações Finais

O objetivo principal desta pesquisa foi o de levantar e analisar a incidência de estímulos eróticos e referências de gênero presentes na programação infantil das emissoras de TV. Não se pretendeu julgar, justificar e/ou condenar quaisquer programas ou emissoras, tampouco os princípios éticos e morais que orientam as respectivas programações. A TV, sem dúvida, vem contribuindo para que se fale, mais naturalmente, sobre sexo e sexualidade - o que é, por si só, um fato positivo. Afinal, nada justifica que um aspecto de transcendental importância na existência humana (como o é a sexualidade), ainda esteja cercado de mitos, tabus e preconceitos vários, que em muito prejudicam o seu desenvolvimento e prática sadia e prazerosa. Porém, assim como ocorre na realidade social concreta, também nas emissoras de TV coexistem múltiplas éticas e diferentes moralidades. Portanto, seria ingenuidade observar apenas os aspectos modernizantes dos recorrentes apelos aos estímulos erótico-sensuais e às referências de gênero. Os resultados da pesquisa demonstraram que, nos programas infantis, é relativamente baixa a incidência de cenas que possam induzir a erotização precoce das crianças e pré-adolescentes. Pelo menos, não é muito mais elevada do que a prevalente em outros veículos também de fácil acesso ao público infantil, como as revistas em quadrinhos, os *trailers* de filmes, jogos de fliperamas, músicas populares e peças publicitárias. Enfim, descontados os exageros de alguma emissora ou programa, deve-se reconhecer a contribuição da TV para que as crianças e os pré-adolescentes convivam com uma sexualidade menos reprimida. A situação é, no entanto, muito diversa no que se refere às relações de gênero. Neste caso, a maioria dos programas infantis de TV constituem veículos para a promoção de uma moralidade sexual mais tradicional, que reproduz modelos de masculinidade e de feminilidade baseados nas dicotomias atividade/passividade, liberdade/dependência, opressão/submissão. Os programas infantis, em sua grande maioria, são apresentados por mulheres - que se dedicam, basicamente, a atividades de pura diversão e/ou entretenimento, as quais dão ênfase aos sempre presentes jogos e competições de “*meninos contra*

*meninas*". É claro que isso induz a percepção de que cuidar das crianças e entretê-las seria uma tarefa essencialmente feminina, enquanto aos homens estariam reservadas responsabilidades "*mais nobres ou sérias*". Além disso, a imagem das apresentadoras é cuidadosamente trabalhada, de modo que elas se constituam nos mais bem acabados exemplos de beleza, sensualidade, charme, elegância, candura e sensibilidade - atributos tradicionalmente associados ao papel feminino). Isso também facilita a identificação das meninas com as atitudes e comportamentos que "*deverão adotar*", quando se tornarem adolescentes e/ou adultas. No caso dos meninos, a identificação se faz por meio dos atributos de virilidade, força, liderança e coragem, comumente referenciados nos jogos, desenhos-animados e competições, como já se demonstrou. É evidente que a televisão não é o único veículo dessa visão estereotipada das relações de gênero. Pode-se dizer, inclusive, que ela não faz mais do que reproduzir a percepção prevalente em diferentes segmentos da sociedade. Contudo, no que diz respeito às crianças e pré-adolescentes, a TV assume uma significação especial. Com efeito, nessa faixa etária, a TV em si e os programas infantis constituem referenciais poderosos, que intermediam as relações das crianças com a realidade social, comunicando-lhes os costumes e tradições culturais, os valores morais e éticos - assim como, eventualmente, estereótipos e preconceitos -, através dos jogos e brincadeiras, roupas, desenhos, danças e canções. Também não se pode ignorar que a TV exerce uma crescente influência no processo de socialização, tarefa para a qual - pela multiplicidade ética e moral que a caracteriza e alimenta - pode não estar preparada. A este respeito, uma pesquisa realizada em São Paulo é elucidativa<sup>3</sup>. Foram ouvidos 600 casais de pais, a fim de identificar possíveis mudanças nos papéis que desempenham na educação dos filhos. Constatou-se que o fato de cada vez mais mulheres procurarem trabalho fora do lar acaba tendo reflexos negativos na educação dos filhos - tarefa que, tradicionalmente, é associada ao papel da mãe. A pesquisa revelou forte competição entre a função educativa dos pais e outros papéis que eles desempenham no dia-a-dia, o que os leva a reduzir "*o tempo gasto na formação dos filhos*". Pode-se inferir, deste modo, que as oportunidades de convivência entre pais e filhos são, cada vez, mais raras.

As crianças passam a maior parte do tempo com empregados domésticos. Isso facilita o consumo excessivo e não-seletivo dos programas de TV, inclusive aqueles que podem não ser recomendados ao público infantil. É claro que, nesse contexto de superexposição à TV, as crianças acabam por receber estímulos e mensagens que não lhes são apropriados, incluindo os de natureza erótica e/ou de gênero. A televisão não é, todavia, um veículo de comunicação de caráter unidirecional a serviço exclusivo de uma determinada moralidade sexual. A diversidade das suas mensagens, seus estímulos e referências é a mesma para todos (sejam crianças, adolescentes, jovens, adultos, homens e mulheres). Algumas pessoas, porém, aceitam como um valor, conteúdos que poderiam ser inadmissíveis para outras. A diferença está na capacidade crítica de cada um. Neste sentido, não cabe qualquer tentativa (ainda que velada) de calar a TV, e sim, reconhecer a urgente, inadiável, necessidade de se ensinar a ouvir e ver TV. Esta é uma responsabilidade inerente à família (pais e mães) - que, todavia, vem se omitindo cada vez mais.

Márcio Ruiz Schiavo é professor universitário,  
especialista em marketing social,  
e diretor da Comunicarte.

---

<sup>1</sup> Em Comunicação Para o Desenvolvimento, reeditores são as pessoas, grupos e/ou instituições que atuam em uma determinada área e que detêm o poder de influenciar, formar e liderar opiniões.

<sup>2</sup> SIMONETTI, C. Influência da Mídia no Comportamento Infantil. São Paulo, 1993 (mimeo).

<sup>3</sup> Associação de Escolas Particulares. Com a Palavra, os Pais. Jornal do Brasil, 15 de abril de 1994.